
O fortalecimento do discurso fascista de Jair Bolsonaro pelo Jornal Nacional¹

Ângelo CARVALHO²
Iasmin MONTEIRO³
Ceres SANTOS⁴

Resumo: O artigo analisa o conteúdo e as práticas discursivas presentes na edição do Jornal Nacional, exibida no dia 11 de setembro de 2018, pela TV Globo. O objetivo é identificar se ocorre, ou não, um tratamento preferenciado por algum(ns) dos e das candidatas/os à Presidência da República, nas Eleições Gerais de 2018. Para fazermos levantamentos quantiquantitativos, recorremos a Bardin (1977) para apresentar os dados colhidos desse telejornal, executando uma Análise de Conteúdo. Em seguida, realizamos uma Análise Crítica do Discurso, tendo como referência Van Dijk (2008, 2015) e Charaudeau (2013).

Palavras-chave: Discurso; conteúdo; jornal nacional; eleições 2018; comunicação.

Introdução

Este artigo é fruto de uma preocupação sobre a ascensão do discurso fascista, nas Eleições Gerais de 2018. Analisando uma edição do telejornal mais assistido, no Brasil, embasamos nossa pesquisa através do caminho proposto por Bardin (1977), com sua Análise de Conteúdo, no objetivo de quantificar os dados recolhidos. Ampliando ainda mais o debate, utilizamos a Análise Crítica do Discurso (Van Dijk, 2008, 2015; Charaudeau, 2013) para constatar se ocorre ou não uma validação de tais práticas discursivas por parte desse telejornal.

A atuação dos meios de comunicação é considerada como crucial nos processos históricos de uma nação. Contrapondo-se a formação de uma sociedade mais democrática e de uma comunicação pluralizada, a monopolização dos veículos comunicacionais de massas é caracterizada pela defesa de interesses privados em detrimento das demandas populares. Nesse sentido, os conglomerados midiáticos, concentrados por grupos economicamente hegemônicos, não se configuram como um

¹ Artigo entregue para avaliação final do componente curricular Análise do Discurso, do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, na Universidade do Estado da Bahia. Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Graduando no curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, na Universidade do Estado da Bahia. Email: acarvalho2204@gmail.com.

³ Graduanda no curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, na Universidade do Estado da Bahia. Email: iasmindodose@gmail.com.

⁴ Discente do Curso de Doutorado Interinstitucional (Dinter) entre o Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM/USP) e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Jornalista e docente do curso de Jornalismo e Mídias da UNEB. Email: cerasantos3@gmail.com.

espaço onde é exercida a livre manifestação de expressão e pensamento e transforma-se em uma importante ferramenta de manipulação da informação pública e manutenção das relações desiguais de poder. Para alcançar esses objetivos, o que é conhecido como quarto poder assume a função de articulador da agenda social.

Segundo o Coletivo Ofensiva Socialista (2017), as ditaduras militares insurgidas na América Latina e financiadas pelo imperialismo *yanke*, no século XX, só foram possíveis pela ajuda das grandes mídias nacionais. Foi na Guatemala, por exemplo, o primeiro golpe direto norte-americano no Cone Sul, e o medo disseminado de um “comunismo perigoso”, criado pelos veículos de massa, foi fundamental para o golpe guatemalteco, em 1954. Os mais importantes jornais da Argentina foram aliados do golpe militar de 1962, responsável pelas torturas e mortes de mais de 30 mil argentinos. Em 2013, uma notícia publicada pela BBC afirmava que Agustín Rossi, ex-ministro da Defesa argentina, fazia a descoberta de documentos oficiais constatando a forte relação entre a imprensa argentina e os militares e articuladores do golpe. No Chile, a agenda dos veículos de comunicação de maiores circulação, como o *El Mercurio*, colocava-se como defensora do golpe sangüinário liderado por Augusto Pinochet, em 1973⁵.

Seguindo a lógica e na mira dos neoliberais norte-americanos, o Brasil teve, em 1964, o início da Ditadura Militar que, segundo o relatório final da Comissão da Verdade (2014), realizou mais de 400 mortes ou desaparecimentos e registrou mais de mil torturas.⁶ A Comissão da Verdade não incluiu, no entanto, uma análise sistemática da imprensa brasileira em um dos seus períodos mais sombrios. Na América Latina, os meios de comunicação de massa reverberam os princípios neoliberais encabeçados pelos Estados Unidos da América e o apoio dos grandes veículos foi usado como moeda de troca nos acordos entre os militares e os representantes estadunidenses. A manipulação da informação pública é estrategicamente posta em ação para o alcance de desejos particulares.

Smith (2000) relata, ao escrever *Um acordo forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil*, a participação ativa de Roberto Marinho e como ele transformou uma concessão pública em porta voz dos ditadores e de suas feitura, pois “o regime acreditava que uma imprensa fidedigna seria um instrumento importante para garantir o

⁵ O curta-metragem, com 20 minutos de duração, da jornalista Jacques Sagui (1973) relata a violência institucionalizada durante o governo de Pinochet, no Chile da década de 70.

⁶ De acordo com os dados reunidos pela Comissão Nacional da Verdade, mais especificamente, foram 434 mortes, dentre 210 foram tidas como desaparecidas. Ao total, aconteceram 1,8 torturas.

êxito de seu empenho em legitimar-se. Alguém precisava proclamar as conquistas do regime” (Smith, 2000, p. 46). Obviamente, a grande imprensa nacional aproveitou os favorecimentos dos militares para constituírem seus impérios midiáticos e nisso, inclui, o Grupo Globo de Comunicações, chefiado pela família Marinho. Com o período ditatorial chegando ao fim, o então presidente do grupo, Roberto Marinho, passou a liderar, de uma única concessão de televisão em São Paulo, a quarta maior rede de TV comercial do mundo, após 20 anos de existência. Torna-se líder de audiência pelo contínuo investimento tecnológico, a entrada nos canais de TV privados e pela relação intrínseca no cotidiano da sociedade, através de sua programação nos canais abertos (Mattos, 1990, p. 10).

Atualmente, o Grupo Globo estende-se a quase todo território nacional e está presente em mais de 100 países e caracteriza-se como um grupo multimidiático. O jornalista Gustavo Gindre (2014) confeccionou um infográfico exibindo as áreas de atuação do grupo, que são: cinema (Globo Filmes), TV por assinatura (Globosat – SportTV; GloboNews; Multishow; GNT; VIVA; Gloob), música (Som Livre), rádio (Sistema Globo de Rádio), jornais, livros e revistas (Editora Globo; O Globo; Extra; Expresso) e televisão (Rede Globo).

Dados divulgados pela revista *Veja*, em 2007, mostram que, mesmo em momentos de crises, esta emissora ainda continua em primeiro lugar no alcance público⁷, o que justifica seu papel fundamental no golpe político de 2016, ainda em curso. Indo ao ar pela primeira vez em 1969, o *Jornal Nacional* nasce sob o slogan “*A notícia unindo seis milhões de brasileiros*” (Memória Globo, 2004, p. 26) e caracteriza-se como o telejornal mais assistido do país dentre os 10 programas mais assistidos por emissora, segundo o ranking elaborado pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE, 2018).

De âmbito jurídico e parlamentar, o golpe político arquitetado por Michel Temer e a extrema direita, em 2016, configura-se também como midiático. A grande mídia nacional, encabeçada pelo Grupo Globo, contribuiu para a destituição da, democraticamente eleita, Presidenta Dilma Rousseff (Tatemoto, 2016). Após dois anos de início do governo Temer, a emissora desempenhou, ainda, o papel de articuladora das relações sócio-políticas no Brasil, para, enfim, consolidar o projeto da extrema

⁷ Os dados apresentados pela revista *Veja* informam que a TV Globo apresenta uma média de 21 pontos de audiência enquanto a TV Record, vice-líder, tem sete pontos em média. Cada ponto de audiência corresponde a aproximadamente 58 mil lares na Grande São Paulo.

direita nas Eleições Gerais de 2018. Na conjuntura atual, estas eleições são caracterizadas por uma forte polarização política-ideológica, na qual temos uma disputa entre o campo progressista de um lado e do outro, o fortalecimento de um discurso fascista, que boa parte da população brasileira acreditava ter superado. Professor da Universidade de São Paulo e filósofo, Safatle (2017) afirma três eixos para o fascismo:

“Primeiro, ele é um culto explícito da ordem baseada na violência de Estado e em práticas autoritárias de governo. Segundo, ele permite a circulação desimpedida do desprezo social por grupos vulneráveis e fragilizados. O ocupante desses grupos pode variar de acordo com situações históricas específicas. Já foram os judeus, mas podem também ser os homossexuais, os árabes, os índios, entre tantos outros. Por fim, ele procura constituir coesão social através de um uso paranoico do nacionalismo, da defesa da fronteira, do território e da identidade a eixo fundamental do embate político.” (SAFATLE, 2017).

Seguindo esse raciocínio, o fascismo manifesta-se como uma ideologia que combina intrinsecamente violência e poder, a primeira sendo caminho e ferramenta para a manutenção da segunda. A ideologia fascista, portanto, torna-se uma ameaça ao desejo da humanidade pela liberdade. O princípio democrático, mesmo não sendo eliminador das relações opressivas de poder, indica que cada sujeito é possuidor de deveres e direitos incumbidos pelo Estado e, assim sendo, participa da organização, manutenção e transformação social.

Nas palavras de Bonavides (2002), o conceito de democracia (e sua prática) ainda não é algo concretizado e repleto de irresoluções, porém “parte dessas dúvidas se dissipariam, se atentássemos na profunda e genial definição lincolniana de democracia: governo do povo, para o povo, pelo povo” (BONAVIDES, 2002, p. 167). Sua importância em um regime político que deve imperar a vontade popular foi afirmada, por exemplo, na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), no artigo 21:

“Art. 21: 1. Todo ser humano tem o direito de tomar parte no governo de seu país diretamente ou por intermédio de representantes livremente escolhidos.
2. Todo ser humano tem igual direito de acesso ao serviço público do seu país.
3. A vontade do povo será a base da autoridade do governo; essa vontade será expressa em eleições periódicas e legítimas, por sufrágio universal, por voto secreto ou processo equivalente que assegure a liberdade de voto.” (ONU, 1948, p. 11).

Metodologia: Análise do Conteúdo e Análise Crítica do Discurso

A metodologia seguida para construir a Análise de Conteúdo deste artigo foi proposta por Bardin (1977), aqui tendo uma preocupação de não se ater a uma superficialidade dos dados levantados e, de maneira analítica, atribuir-lhes significados. Para Bardin (1977), é possível estabelecer, por meio de “procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores [...] que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens” (Bardin, 1977, p. 42).

Nesse sentido, caminhamos pelas fases do modelo sugerido que, pela autora, divide-se em três: 1) uma *pré-análise*, sistematizando os documentos a serem explorados e elegendo quais unidades de análise fornecerão o direcionamento da pesquisa; 2) logo em seguida, de maneira exaustiva, ocorre uma *exploração do material*, categorizando e descrevendo minuciosamente o material pré-selecionado; 3) e por último, o tratamento dos resultados e a elaboração de *inferências*, que tornarão os dados coletados significativos e pertinentes.

Compreendendo que esse processo não discorre de forma simplista, a Análise de Conteúdo (Bardin, 1977) aqui colocada em prática firma-se na finalidade de explanar sobre as relações sociais em processos comunicacionais, tendo em vista a evidenciação e explanação de discursos ditos e não-ditos. Os analistas de discurso informam que toda prática discursiva é uma ação social, oriunda e compreendida dentro de suas condições contextuais e ideológicas (Van Dijk, 2008). Então, o ato de informar, dentro de seus processos de produção e interpretação, “trata-se de linguagem enquanto ato de discurso, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido.” (Charaudeau, 2012, p. 33).

Para Charaudeau (2012), analisar o discurso midiático é enxergar, para além das condições econômicas e tecnológicas, a construção do simbólico, “essa máquina de fazer viver as comunidades sociais, que manifesta a maneira como os indivíduos, seres coletivos, regulam o sentido social ao construir sistemas de valores.” (Charaudeau, 2012, p. 17). Segundo o linguista francês, a construção do simbólico, ou melhor, a produção do sentido do discurso passa por três instâncias: produção, recepção, e construção do produto. O lugar de produção do discurso está destinado a observar as *condições socioeconômicas* e *semiológicas* da informação a serem transmitidas, permitindo assim visar quais são os efeitos esperados pela máquina midiática.

Tais formatos carregam o que Charaudeau (2012) chama de *efeitos de sentido possíveis*, baseados em uma *cointencionalidade* gerados na instância de produção e direcionados ao campo de recepção, no qual há o reconhecimento e interpretações do discurso. No lugar de recepção, atentamos para as *condições sociológicas e psicosociológicas*. Veja, não são os efeitos possíveis ou os que realmente são produzidos sobre o receptor, mas o que as mídias pretendem em suas práticas discursivas. Trata-se dos *efeitos esperados* pela instância de produção, analisando também as próprias condições de interpretação do público.

Apresentação do objeto de pesquisa e Exploração do material

Com o intuito de compor o *corpus* da pesquisa, obedecemos aos critérios elaborados por Bardin (1977, p. 97), que nos permitiram a desenvolver repetidas operações de análises, ultrapassando as primeiras percepções sobre as mensagens contidas.

Dito isso, apontamos como objeto de pesquisa deste artigo a edição do Jornal Nacional, exibida no dia 11 de setembro de 2018⁸, pela Rede Globo de Televisão e dividida em três blocos. O primeiro apresentou dados da pesquisa eleitoral do IBOPE e a agenda política dos candidatos e das candidatas à presidência do país. Com 15 minutos de duração, esse foi o bloco mais longo do dia. O segundo bloco tratou sobre a prisão de Beto Richa (PSDB), ex-governador do estado do Paraná. O quadro *O Brasil que eu quero* fora exibido e, logo após, a previsão do tempo, pela jornalista Maria Júlia Coutinho (Maju Coutinho). Ainda, nesse mesmo bloco, foram transmitidas duas notícias de cunho internacional. Para o terceiro e último bloco, foi reservado à divulgação de informações sobre o Supremo Tribunal Federal (STF) e os arquivamentos de processos judiciais de Aécio Neves (PSDB), Kátia Abreu (PDT) e Fernando Bezerra Coelho (MDB) e a rejeição da denúncia contra Jair Bolsonaro (PSL), pelo crime de racismo. O Jornal Nacional encerrou com uma entrevista de Adélio Bispo, em custódia por esfaquear Jair Bolsonaro (PSL).

O primeiro bloco divulgou a pesquisa eleitoral realizada pelo IBOPE, discorrendo sobre as intenções de votos aos presidentiáveis juntamente com taxas de rejeição e simulações de segundo turno⁹. Em 7 minutos de exibição, o nome de Jair Bolsonaro apareceu 11 vezes, o dobro em relação a Ciro Gomes (PDT), Álvaro Dias

⁸ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7012186/>>. Acesso em: 11 de out. de 2018.

⁹ Registro: Tribunal Superior Eleitoral - BR 05221/2018.

(PODE), João Amoêdo (PN) e Henrique Meirelles (MDB) e o quintuplo em relação à Cabo Daciolo (PATRI), Guilherme Boulos (PSOL) e João Goulart Filho (PPL). O bloco discorre e encerra, após a pesquisa do IBOPE, sobre a agenda eleitoral dos candidatos e das candidatas ao cargo de Presidência da República. Ao final do bloco, Jair Bolsonaro teve seu nome repetido 15 vezes, enquanto que o nome de Fernando Haddad foi anunciado 13 vezes, 10 vezes o nome de Geraldo Alckmin, nove vezes o nome de Marina Silva e os nomes de Ciro Gomes e Álvaro Dias fora repetido oito vezes. Observamos a exibição do registro da candidatura de Fernando Haddad pelo Partido dos Trabalhadores, que, por dois minutos, teve sua imagem ligada à prisão de Lula. Sobre Jair Bolsonaro, fora exibido seu estado de saúde o associando a imagens de internação e recuperação. Aos demais presidenciais, apenas suas agendas políticas fora mostrada.

Para melhor visualização desses dados, a tabela a seguir contém a quantidade de vezes que os candidatos à presidência da República tiveram seus nomes citados ao final do primeiro bloco.

Tabela 1.

Presidenciais	Nº de vezes que teve seu nome citado ao final do 1º bloco
Jair Bolsonaro (PSL)	15
Ciro Gomes (PDT)	8
Marina Silva (REDE)	9
Geraldo Alckmin (PSDB)	10
Fernando Haddad (PT)	13
Álvaro Dias (PODE)	8
João Amoêdo (PN)	5
Henrique Meirelles (MDB)	5
Vera Lúcia (PSTU)	3
Cabo Daciolo	2
Guilherme Boulos (PSOL)	2
João Goulart Filho (PPL)	2
José Maria Eymael (DC)	2

(FONTE: CARVALHO, MONTEIRO, 2019)

O segundo bloco debruça-se sobre duas operações policiais realizadas no estado do Paraná, envolvendo políticos e empresários em casos de recebimento de propina, focando, principalmente, na prisão do ex-governador do estado, Beto Richa (PSDB). Para as operações do Ministério Público e uma das fases da Operação Lava-Jato foi destinado quase 50% do tempo do bloco. Depois, o quadro *O Brasil que eu quero* ocupou aproximadamente 24% do espaço. Fora percebido nas mensagens transmitidas indicadores como *corrupção, desigualdade, reforma política e tributária, e consciência*

política. A previsão do tempo, apresentada por Maju Coutinho, ocupou 15% do tempo e em seguida duas notícias internacionais: uma sobre o furacão Florence nos EUA e outra sobre as manifestações pró-independência da Catalunha, em Barcelona, ambas representando 12% do tempo de duração do bloco. A seguir, uma tabela construída com base na divisão de tempo dada para cada matéria, contendo números em medidas de tempo (t) e suas respectivas porcentagens (%).

Tabela 2.

Matéria	Duração (t)	Duração (%)
Operações Policiais e a prisão de Beto Richa (PSDB)	04min07s	48,22%
Quadro “O Brasil que eu quero”	02min02s	23,93%
Previsão do tempo	01min30s	15,40%
Notícias Internacionais	01min05s	12,44%

(FONTE: CARVALHO, MONTEIRO, 2019)

Por fim, o terceiro bloco inicia com pequenas notas referentes a processos tramitados no Superior Tribunal Federal (STF). Para além dos arquivamentos de processos judiciais referentes a Aécio Neves (PSDB), Kátia Abreu (PDT) e Fernando Bezerra Coelho (MDB), fora noticiado a rejeição da denúncia contra Jair Bolsonaro (PSL), pelo crime de racismo. Em uma palestra no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, Bolsonaro comparou quilombolas a animais, atribuindo-lhes pesos e medidas relativas ao sistema pecuário (arroba) e funções como “procriar”.

A última matéria do dia vem após 2 minutos e meio do começo do bloco, referindo-se a entrevista concedida em custódia de Adélio Bispo de Oliveira, indiciado como o agressor de Jair Bolsonaro. Ao final desta edição, o nome de Jair Bolsonaro completava 23 vezes repetido, 8 delas no término do terceiro do bloco, não havendo mais menções aos demais presidenciais. Após os três blocos desta edição, os dados expostos na Tabela 1 (p. 7) mudaram para os seguintes números:

Tabela 3.

Presidenciais	Nº de vezes que teve seu nome citado ao final da edição do JN, de 11/09/2018
Jair Bolsonaro (PSL)	23
Ciro Gomes (PDT)	8
Marina Silva (REDE)	9
Geraldo Alckmin (PSDB)	10
Fernando Haddad (PT)	13
Álvaro Dias (PODE)	8
João Amoedo (PN)	5
Henrique Meirelles (MDB)	5
Vera Lúcia (PSTU)	3

Presidenciáveis	Nº de vezes que teve seu nome citado ao final da edição do JN, de 11/09/2018
Cabo Daciolo (PATRI)	2
Guilherme Boulos (PSOL)	2
João Goulart Filho (PPL)	2
José Maria Eymael (DC)	2

(FONTE: CARVALHO, MONTEIRO, 2019)

Sinalizando os editoriais das notícias transmitidas, é certo afirmar que o Jornal Nacional distribuiu os 30 minutos e 14 segundos de duração para as seguintes categorias: manchetes (2,75%); política (62,54%); nacional (10,47%); internacional (3,19%); justiça (8,93%); tempo (4,96%); opinião (6,78%). A tabela seguinte sistematiza a divisão desta edição pelas categorias e suas respectivas durações em tempo (t) e porcentagem (%).

Tabela 4.

Editoriais	Duração (t)	Duração (%)
Manchete	0,50s	2,75%
Política	18min55s	62,54%
Nacional	03min10s	10,47%
Internacional	0,58s	3,19%
Tempo	01min30s	4,96%
Justiça	02min42s	8,93%
Opinião	02min3s	6,78%

(FONTE: CARVALHO, MONTEIRO, 2019)

Inferências e interpretações do material

Mais de 60% da duração desta edição foi destinada à política, sobre eleições ou personagens da política brasileira (Tabela 4, p.9), colocando na pauta do dia tais temas em evidência. Nesta edição do telejornal, observamos a intencionalidade em que a linha editorial do Jornal Nacional direcionou para Jair Bolsonaro (PSL), evidenciada pela repetição de seu nome e imagem (Tabela 3, p.8), e fortalecendo assim o discurso fascista que o candidato à presidência possui diante da efervescência política causada pela disputa polarizada nestas eleições, cenário este sendo resultado da mediação dos meios de comunicação.

A apologia e homenagens a um dos períodos mais sombrios da história brasileira, como foi a Ditadura Militar de 1964, as propostas de retiradas de direitos da classe trabalhadora, precarizando ainda mais o mercado de trabalho e condições trabalhistas e ratificando ainda os privilégios sociais da classe dominante, o ódio e violência autorizada contra grupos em situações de vulnerabilidade e que carregam

demandas de reparação históricas são alguns dos exemplos que fazem de Bolsonaro o solidificador de um discurso fascista. Em outras palavras, o nacionalismo autoritário imbricado de incitação à violência sistematizada nos setores da sociedade, direcionada principalmente a grupos socialmente marginalizados é perceptível nos discursos proferidos pelo ex-deputado federal.

Discurso que sobressai

O Jornal Nacional, exibido pela Rede Globo, é o telejornal mais assistido no país e, desde 1996, ancorado por William Bonner e, desde 2013, por Renata Vasconcellos. São os *enunciadores* da informação e, assim sendo, vestem cores fechadas como azul escuro, preto, roxo, cinza, que transmitem impressões de seriedade e confiabilidade no contrato comunicacional simbolicamente pré-estabelecido com os telespectadores.

Ao invés de atentar exclusivamente para a construção do veículo, olharemos para as formas de estruturação do discurso, onde a linguagem transforma-se em texto. Para isso, recorreremos ao analista crítico holandês Van Dijk (2008) e sua *teoria sociocognitiva*, disseminando que entre a instância de produção e interpretação, o discurso precisa de uma mediação, um elo entre as estruturas discursivas e as estruturas sociais. Essa mediação acontece por uma *interface cognitiva* do receptor, entendida como o conjunto de ideais, crenças e valores do sujeito.

Portanto, não existe uma relação direta entre as máquinas midiáticas e o público-alvo, as primeiras estabelecendo esse *link* através da difusão de ideologias próprias sobre as ideologias partilhadas por coletivos sociais. Van Dijk (2015) define ideologias como “conhecimento, opiniões, atitudes, normas e valores [...] compartilhadas por coletividades sociais”, que “as adquirem, compartilham, propagam e empregam a fim de difundirem seus interesses coletivos e orientarem suas práticas sociais” (VAN DIJK, 2015, p. 54).

Compreendendo que os conglomerados midiáticos “não transmitem o que ocorre na realidade social, eles impõem o que constroem do espaço público” (Charaudeau, 2012, p.19), é crível dizer que as representações mentais criadas pelas mídias são um dos pressupostos para atos sociais concretos. As condições interpretativas, partilhadas e específicas de cada grupo social, dirão como as práticas discursivas realizadas pelos meios de comunicação serão materializadas no campo da ação pelos sujeitos. Para Van Dijk (2008), a construção de um *modelo mental* faz parte das realizações comunicativas

e discursivas, resultado da repetida elaboração e reformulação sobre o objeto. Os *modelos mentais* assumem características de representação das coletividades, porém interconectam-se individualmente com os sujeitos, em seus campos sociocognitivos de interpretação.

Na edição do dia 11 de setembro, o Jornal Nacional destinou mais de 60% à informações políticas (Tabela 4, p. 9), confirmando assim seu inerente interesse de posicionar-se nos eventos políticos do país. O primeiro bloco aborda as pesquisas eleitorais de 2018 e as agendas políticas dos e das presidentiáveis, destacando a persona de Jair Bolsonaro ao evidenciar seu nome 15 vezes (Tabela 1, p. 7). Evocando constantemente a imagética de Jair Bolsonaro e evidenciando sua presença no cenário político atual, e/ou em outras situações, o Jornal Nacional o legitima como um *modelo mental* no processo comunicacional com a sociedade civil.

Os momentos em que são exibidas as aparições do candidato do PSL são de também relevância. O Jornal Nacional não se preocupou em contestar a prisão por segunda instância do ex-presidente Lula, reconhecida como arbitrária pela Federação Internacional dos Direitos Humanos (2018), atribuindo assim uma ilegitimidade ou um caráter de “plano b”, algo com menos força do que o plano inicial, a campanha de Haddad. Bolsonaro fora citado em todas as simulações do segundo turno. Sua figura, logo após de ser fixada no imaginário do telespectador, foi relacionada a um estado de recuperação, que interconectando com a conjuntura atual, vem também suprir uma suposta desestabilidade política ocasionada pela prisão de Lula e a substituição de sua candidatura pela de Fernando Haddad.

O filósofo norte-americano Jason Stanley, em entrevista à Folha de S. Paulo, responde que as táticas fascistas assumidas por Bolsonaro são explicitamente contra a democracia e reconhece nele manifestações semelhantes à de reconhecidos ditadores, como o fascista italiano Benito Mussolini e o líder do nazismo alemão Adolf Hitler. O autor de *How fascism works: the politics of us and them* (2018)¹⁰ ainda aponta que líderes fascistas apresentam-se como “a pessoa que vai resolver todos os problemas [do país] sozinho” e que exaltam “sua força ao falar de violência contra adversários políticos”.

Os discursos fascistas, como aponta Stanley (2018), tendem a ganhar força em momentos de crises. E esses momentos de crise podem ser potencializados

¹⁰ Tradução livre: “Como o fascismo funciona: as políticas do nós e eles”. Sem edição para o Brasil.

paralelamente à construção da imagem de um “*salvador da nação*”. Dedicando quase 50% do tempo de duração para noticiar sobre a prisão de Beto Richa (PSDB) (Tabela 2, p. 8), o segundo bloco foi apresentado, então, nesse intuito: evidenciar e exaustivar a imagem de um país sobrecarregado de casos de corrupção. Seguindo a lógica linear desta edição do Jornal Nacional, não cabe nenhum caminho de progresso para esse Brasil devastado a não ser através de uma perspectiva da violência, oferecida por Bolsonaro, este destacado no bloco anterior, à sociedade como alternativa aos problemas sociopolíticos que o Brasil possui.

Ao terminar o terceiro bloco com a entrevista de seu agressor, Adélio Bispo, esta edição particular do Jornal Nacional confere a Jair Bolsonaro um título de salvador-vítima, e não instigador e defensor, do caos que assola o país caracterizado pelos ataques às conquistas da classe trabalhadora, como as Reformas Trabalhista e da Previdência, e o cerceamento de recursos para a educação. Não à toa esta matéria foi colocada no desfecho da edição, porém não interliga o incidente como fruto das ideologias do presidenciável. Contudo, percebemos a validação do discurso fascista de Jair Bolsonaro nessa edição do Jornal Nacional, mais especificamente em potencializar um contexto de crise na sociedade personalizando nele o “modelo mental” de um salvador para as mazelas sociais.

O contexto superpotencializado de desordem política e violência social apresentado paralelamente à solidificação da figura neofascista de Jair Bolsonaro, como solução para os problemas citados, são ambos construídos pela Rede Globo na sua missão religiosa em se manter na hegemonia midiática e ir de encontro a avanços sociais populares, dentre os quais um marco regulatório e popular das mídias a tiraria dessa posição.

Considerações Primárias

Na defesa de ideias neoliberais, a Rede Globo, através do Jornal Nacional, legitima as ideologias proferidas por Jair Bolsonaro, o apresentando como uma vítima do caos que “devasta” o país e como uma mudança para este cenário. Seus discursos de ódio e violência são entalhados e autenticados por sua presença majoritária na edição selecionada do telejornal (Tabela 3, p. 8).

Em porcentagens, a edição do dia 11 de setembro de 2018 do Jornal Nacional dedicou 65% da duração para a imagem de Jair Bolsonaro: esse resultado é a soma do primeiro bloco, no qual sua imagem é predominantemente invocada (Tabela 1, p. 7),

mais uma nota do judiciário sobre a recusa da denúncia contra ele pelo crime de racismo no segundo bloco, mais a entrevista de Adélio Bispo, na qual o Jornal Nacional finaliza o terceiro bloco e a edição deste dia.

Concluimos que essa evidenciação de apenas um dos presidenciáveis, legitimou e corroborou para que as práticas discursivas do candidato fossem validadas e transformadas em atos concretos por alguns de seus eleitores. A polarização política, agravada pela crise político-social, é um dos fatores que alimentou os grupos sociais assumirem e executarem os posicionamentos de cunhos fascistas proferidos por Bolsonaro. A validação de sua imagem e discursos pela mídia tradicional resultou em diversos atos de violência durante as Eleições Gerais de 2018.

O público-alvo, nesse caso o eleitorado brasileiro, dentro de suas condições próprias de contexto e interpretação, recorre a atos brutais para solucionar ou transformar-se na principal vítima das discussões oriundas da polarização política, evidente nas últimas eleições. Incidentes como o assassinato do Mestre Môa do Katendê, o atropelamento do jornalista Guilherme Daldin ou linchamentos coletivos, como no caso do estudante paranaense Khaliu Turt, são frutos da insatisfação pública em relação ao sistema político, em geral, adicionada ao continuo incentivo de Jair Bolsonaro a violência.

Ainda, os dados da pesquisa desconstroem o mito da imparcialidade assumida pelo telejornal ao constatar que 62% da sua edição foram dedicados a questões políticas, destacando apenas um candidato dos e das presidenciais elegíveis destas eleições. A Rede Globo não representa a realidade, em sua totalidade, fazendo do processo comunicacional, veículo para a solidificação de seus próprios interesses, mesmo que seja preciso alimentar e fortalecer discursos fascistas, ligados diretamente à violência e ao extermínio.

Afastado das pautas políticas, o debate sobre um marco regulatório dos meios de comunicações foi assumido pela comunidade acadêmica, movimentos sociais e a sociedade civil. Em tempos que os princípios democráticos são substituídos por ideais fascistas e autoritários, defender uma regulação das mídias é propor ao Brasil um setor comunicacional livre de monopólios oligárquicos e apontar como um caminho a ser explorado, e por fim, ser efetivado para contrapor-se a lógica hegemônica, na qual a liberdade pluralizada de expressão, de fato, é impedida.

Referências

ATUAL, Rede Brasil. **Onda de violência de apoiadores de Bolsonaro registra no mínimo 50 ataques**. Redação RBA, 2018. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2018/10/onda-de-violencia-de-apoiadores-de-bolsonaro-registra-no-minimo-50-ataques>>. Acesso em: 12 out. de 2018.

BARBA, Mariana Della, WENTZEL, Marina. **Discurso de Bolsonaro deixa ativistas “estarecidos” e leva OAB a pedir sua cassação**. BBC Brasil. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb>. Acesso em: 11 out. de 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edição 70, 1977.

BARROSO, Jean. **Bolsonaro quer legalizar o trabalho escravo acabando com o “ativismo fiscalizatório”**. Esquerda Diário, 2018. Disponível em: <<http://esquerdadiario.com.br/bolsonaro-quer-legalizar-trabalho-escravo-acabando-com-o-ativismo-fiscalizatorio>>. Acesso em: 11 out. de 2018.

BONAVIDES, Paulo. **Ciência e política**. 10ª ed., São Paulo: Editora Malheiros, 2002.

BRANT, Danielle. **Bolsonaro usa táticas fascistas como Trump, diz autor de livro sobre o tema**. Folha de São Paulo. Nova York, 2018. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br/mundo/2018/10/bolsonaro-usa-taticas-fascistas-como-trump-diz-autor-de-livro-sobre-o-tema.shtml>>. Acesso em: 11 out. de 2018.

CALDAS, Ana Carolina. **Estudante da UFPR com boné do MST é espancado aos gritos de “Aqui é Bolsonaro”**. Brasil de Fato. Curitiba, 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/10/09/estudante-da-ufpr-com-bone-do-mst-e-espancado-aos-gritos-de-aqui-e-bolsonaro/>>. Acesso em: 11 nov. de 2018.

CALDAS, Ana Carolina. **Em Curitiba, carro é jogado contra eleitor que vestia camiseta com imagens de Lula**. Brasil de Fato. Curitiba, 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/10/09/em-curitiba-carro-e-jogado-contra-eleitor-que-vestia-camiseta-com-imagem-de-lula/>>. Acesso em 11 out. de 2018.

CARMO, Marcia. **Argentina diz ter provas de elo entre jornais e ditadura**. BBC Brasil. Buenos Aires, 2013. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/11/131104_argentina_clarin_la_nacion_ditadura_mm_mc>. Acesso em: 11 out. de 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**; tradução: Angela M. S. Corrêa. 2. Ed. 2 reimpressão. - São Paulo: Editora Contexto, 2013.

COMUNICAÇÃO, Empresa Brasileira de. **Entenda O que é regulação da Mídia**. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/regulacaodamidia>>. Acesso em 11 out. de 2018.

FATO, Brasil de. **Eleitor de Bolsonaro mata mestre de capoeira por declarar voto no PT**. Edição: Diego Sartorato. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/10/08/referencia-da-capoeira-e-da-cultura-afro-e-assassinado-apos-discussao-politica-na-ba/>>. Acesso em: 11 out. de 2018.

GINDRE, Gustavo. **Conheça as organizações globo**. 2014. Disponível em: <<http://gindre.com.br/conheca-as-organizacoes-globo/>>. Acesso em 11 out. de 2018.

HUMANOS, Federação Internacional dos Direitos. **A Fundação Internacional dos Direitos Humanos concede o estatuto de prisioneiro de consciência em prisão arbitrária ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva**. Departamento de Comunicação e Imprensa, 2018. Disponível em: <<https://fundacion.in/nota20180708pt.pdf>>. Acesso em: 11 out. de 2018.

IBOPE. **Dados de audiência nas 15 praças regulares com base no ranking consolidado – 02/04 a 08/04**. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/dados-de-audiencia-nas-15-pracas-regulares-com-base-no-ranking-consolidado-0204-a-0804/>>. Acesso em: 11 out. de 2018.

GLOBO, Memória. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

MATTOS, Sérgio. **Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história**. Associação Brasileira de Agências de Propaganda/ Capítulo Bahia: A TARDE. Salvador, 1990.

SAFATLE, Vladimir. **Um fascista mora ao lado**. Folha de São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2017/03/1863080-um-fascista-mora-ao-lado.shtml>>. Acesso em: 11 out. de 2018.

SAGUI, Jacques. **Spécial Chile**. França, 1973. Disponível em: <<https://vimeo.com/40838254>>. Acesso em: 11 out. de 2018.

SMITH, Anne-Marie. **Um acordo forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.

SOCIALISTA, Coletivo Ofensiva. **Ditadura na América Latina: rapinagem norte-americana**. Instituto de Estudos Latino-americanos, 2017. Disponível em: <<http://www.iela.ufsc.br/noticia/ditadura-na-america-latina-rapinagem-norte-americana>>. Acesso em: 11 out. de 2018.

TATEMOTO, Rafael. **5 momentos em que a rede globo agiu a favor do golpe parlamentar**. Brasil de Fato. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/08/31/5-momentos-em-que-a-rede-globo-agiu-a-favor-do-golpe-parlamentar/>>. Acesso em: 11 out. de 2018.

UNIDAS, Organizações das Nações. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wpcontent/uploads/2018/10/DUDH.pdf>>. Acesso em: 11 out. de 2018.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e Poder**. São Paulo. Contexto. 2008.

_____. **Ideologia**; tradução: Pedro Theobald. Letras de Hoje. Porto Alegre. 2015.

VEJA. **A guerra entre Globo e Record**. Ed: Abril, 2029, ano 40 - nº 40. São Paulo, 2007.

VERDADE, Comissão Nacional da. **Relatório Volume III: Mortos e desaparecidos políticos**. 2014. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_3_digital.pdf>. Acesso em: 11 out. de 2018.